Continente Multicultural

© Copyright 2001 - Companhia Editora de Pernambuco



EDIÇÃO Nº82
Principal
Artes
Capa
Cênicas
Cinema
Colunas
Conversa
Documento
Expediente
Literatura
Música
Links
Fale conosco
A Empresa
A Revista
O Site

Edição Nº82- Outubro de 2007

DOCUMENTO

50 anos de On the Road - O clássico da contracultura

Jack Kerouac construiu uma obra com o mito da estrada, do indivíduo desenraizado em busca de aventuras e, paradoxalmente, à procura da salvação espiritual

Por Marcelo Abreu



Em meados de 1967, durante o chamado "verão do amor" – a explosão do movimento da contracultura nos Estados Unidos –, tornou-se moda a expressão hit the road, pegar a estrada, botar o pé no mundo e ir ver a vida, o que significava, quase sempre, abandonar emprego fixo e comodidades de uma vida estável em troca da iluminação da estrada, de uma vida nômade. No fundo das mochilas de lona da moçada que cruzava o país estavam cópias batidas, em edição de bolso, de um livrinho chamado On the Road. Os hippies, uma novidade na época, começavam a espalhar um estilo de vida relatado em detalhes na obra de Jack Kerouac.

Aos 45 anos de idade, Kerouac era já um homem envelhecido em 1967. Bêbado quase o tempo todo, morava com a mãe em sua cidade natal, Lowell, em Massachusetts. Enquanto o país vivia o tumulto político-cultural da época, Kerouac estava isolado em casa, sem querer saber de contestação. Quando instado a se posicionar, declarava, em entrevistas, ser um "patriota" e repudiava a política radical de seus amigos. Era um conservador.

Certa vez comentou que a garotada que colocava o pé na estrada nada tinha a ver com ele naquele momento. No plano pessoal, não pegava mais carona havia muito tempo, nem vivia com pouco dinheiro. Era um escritor consagrado e, ao mesmo tempo, desiludido com o grande sucesso. Mas On

Assine já
Edições Anteriores
Nº
PESQUISA
Ajude-nos a melhorar o Site.
Clique aqui!
Agenda Cultural

the Road era o livro do momento e, na literatura, paradoxalmente, nenhum outro expressava melhor o espírito daquela geração.

Dez anos antes, em 1957, Kerouac vivia um grande momento. Depois de seis anos de espera, seu livro havia sido publicado. Com seu jeito de menino amuado, em um talk show de televisão apresentado pelo pianista de jazz, Steve Allen, Kerouac foi entrevistado e respondeu sucintamente às perguntas.

— Quanto tempo você passou na estrada?
— "Sete anos".
— Quanto tempo levou para escrever o livro?
— "Três semanas".
Steve Allen brincou:
— Bom, eu uma vez fiz uma viagem de três semanas e estou há sete anos tentando escrever o livro.

On the Road emplacou imediamente. Lançado em 5 de setembro de 1957, o livro teve uma segunda edição impressa passados apenas 15 dias da primeira. Logo sairia uma terceira. Passou cinco semanas na lista dos mais vendidos do jornal The New York Times.

O livro narrava as viagens de Kerouac (com o nome fictício de Sal Paradise) pelos Estados Unidos, de carona, de ônibus e de carro, geralmente com o propósito de encontrar o amigo Neal Cassidy (no livro, Dean Moriarty). Quatro anos mais jovem, Neal era o personagem central, um ex-interno de um reformatório para menores que agora vagava pelo país trabalhando esporadicamente, roubando carros pelo simples prazer da aventura de dirigir velozmente, enchendo a cara, ouvindo jazz e trocando de namorada em cada cidade por onde passava.

Como afirma Ann Charters, autora de Kerouac, uma Biografia, a visão que Jack tem de Neal Cassidy baseou-se numa das fantasias mais vitais da América, "o sonho do caubói, livre e sem peias, tornando-se um nômade com a massificação e comercialização da vida moderna. (...) On the Road captou um senso de rebelião do herói popular americano, o espírito das amplas planícies do oeste na colossal inquietação de Cassidy".

Em termos de estilo, como diz Howard Cunnel, na introdução de The Original Scroll (O Rolo Original), "a barulhenta máquina de escrever de Kerouac se entrelaça com as pinceladas furiosas de Jackson Pollock e os refrões crescentes em espirais do sax de Charlie Parker, num trio que representa o rompimento de uma nova contracultura do pós-guerra, baseada mais no suor, imediatismo e instinto do que em aprendizado e perícia".

A fama começou com uma resenha no mais prestigioso jornal norte-americano, o New York Times. No dia em que o livro chegou às livrarias, o crítico Gilbert Millstein escreveu que On the Road era "um evento histórico, (...) uma autêntica obra de arte". No que é considerada a mais famosa resenha já publicada pelo Times até hoje, Millstein foi até profético: "é a mais clara e mais importante declaração já feita pela geração que o próprio Kerouac chama de beat e da qual é a principal encarnação. Assim como, mais do que qualquer outro romance dos anos 20, O Sol Também se Levanta (de Hemingway) veio a ser o testamento da Geração Perdida, parece claro que On the Road será conhecido como a mesma coisa em relação à Geração Beat".

No semanário Village Voice, publicado no território beat por excelência, o

bairro boêmio de Greenwich Village, em Nova York, Arthur Oesterreicher escreveu que o livro estabelecia "um ponto de convergência para o fugidio espírito de rebelião da atualidade. (...) Atrás da beatness que aparece na superfície de tudo, Kerouac encontra a beatitude".

Muita gente, porém, não concordou com os elogios do New York Times e do Voice. A revista Time foi quem melhor representou a reação do establishment. Criticou o texto pelo seu hedonismo, "degeneração", "deleites dionisíacos" e desrespeito às normas sociais. Disse que Kerouac representava um "desarticulado segmento da sociedade agindo por sua própria necessidade neurótica". Por fim, qualificou o escritor como um "Thomas Wolfe barato".

A imprensa regional fez coro. O San Francisco Chronicle escreveu: "É sobre algo a respeito de que todo o mundo fala e ninguém faz nada, a jovem geração de delinqüentes". Houston Post: "Este é um livro para os desprivilegiados, para a jovem boemia, para aqueles cujas vidas, até agora, não levaram a parte alguma". Saturday Review: "Uma tonta narrativa de viagem que dá ao leitor pouca chance além de engolir algumas 'bolinhas' verbais e levantar o polegar para pedir carona até a cidade seguinte".

Truman Capote não perdeu a chance de soltar uma das suas. Num programa de TV, disse que o estilo de Kerouac "não era de escrever, era de datilografar". Norman Mailer, no mesmo programa, defendeu Jack. O sucesso gerou até uma paródia na TV, na qual o ator Louis Nye interpretava um escritor boêmio chamado Jack Crackerjack.

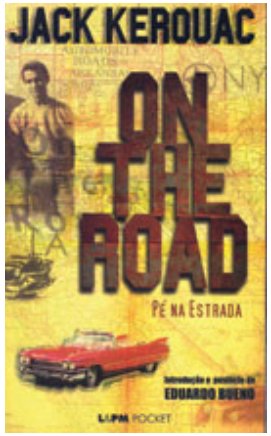
Saudado por ter instituído a chamada prosa espontânea, o fluxo de consciência do autor descarregado com rapidez em um texto desprovido do racionalismo intelectual que geralmente domina a literatura, On the Road teve, inicialmente, pouca acolhida no meio acadêmico. Aliás, quase toda a produção da Beat Generation foi, inicialmente, vista com um certo descaso pela intelligentsia tida como séria. Em parte, pelo tom confessional dos relatos, que incluíam as experiências com drogas de todo tipo e o homossexualismo presente em muitas obras do grupo (cujos representantes mais famosos eram Allen Ginsberg, William Burroughs e Gregory Corso). Em parte, também devido à abordagem antiintelectual, intensamente calcada no cotidiano, e a rejeição da ficção inventada no conforto dos gabinetes. E, por fim, pela relação muito próxima com a cultura de massas, como a música de jazz, o cinema, e depois o rock.

Do ponto de vista político, Ann Charters lembra que Kerouac não ofereceu nenhuma saída real para o conformismo dos Estados Unidos na metade do século 20 e ignorou os problemas da década de 50. "Ofereceu, em vez disso, uma visão da liberdade, uma volta ao universo solipsista da infância, a uma irresponsabilidade tão completa que nenhum outro universo poderia intrometer-se aí por muito tempo."

Kerouac sempre insistiu que suas viagens e seus livros eram sobre a procura de Deus. Ele foi profundamente católico durante toda a vida, o que sempre foi visto com muita reserva em um país dominado por protestantes e pela ausência de religião. Nos anos 50, interessou-se pelo budismo, traduziu sutras, e estava no centro da primeira onda de misticismo indiano a chegar no Ocidente. Mas o que colou mesmo foi o rótulo de hedonista. A moçada adorou o livro. Como já escrevia Emily Dickinson, na segunda metade do século 19, "não há uma fragata como um livro, para nos levar para terras distantes".

Com sua exaltação da liberdade individual e da falta de propósitos, o livro vem sendo, desde então, um convite a sair de casa e viver o lado mais alegre e irresponsável da vida. On the Road se tornou um clássico imediato. Refletia como nenhuma outra obra o movimento de libertação individual de um setor da juventude norte-americana que rejeitava os valores vigentes e procurava um novo modo de vida, mais solto, livre das convenções, regado a jazz e a drogas. O livro ajudou a vender, como disse William Burroughs, "um trilhão de calças jeans e enviou a moçada para a estrada". Foi, na definição do poeta Gary Snyder, "a revolução das mochilas".

(Leia a Documento na íntegra, na edição nº 82 da Revista Continente Multicultural. Já nas bancas)



Marcelo Abreu é jornalista.

Principal **Voltar**

Comente a matéria
Indique esta matéria
Versão da matéria para impressão

Assinaturas | Redação | Diretor| Webmaster
Copyright © 2003 - Todos os direitos reservados
Textos e imagens são de inteira responsabilidade da Companhia Editora de Pernambuco

Este site é melhor visualizado nos navegadores
Internet Explorer 4.0, Netscape 4.0 ou superiores